

Relatos de uma feminina prisão: uma leitura das *Novas cartas portuguesas*

Natália Pereira Theodosio

Cíntia Kütter (*)

Introdução

O presente trabalho procurou sintetizar a teoria de Spivak na obra *Pode o subalterno falar?* (2010), através de uma análise do romance *Novas cartas portuguesas* (1975). Levando em consideração a luta do subalterno para a diminuição do poder como imposição social, dá-se aqui uma discussão à subalternidade na vida da mulher do século XX em Portugal, mas que também pode ser universalizada a mulheres de outros lugares e outros tempos, como por exemplo, na atualidade. Também foi utilizada a leitura de um artigo da Revista *Latitudes* (nº 26 - abril 2006) de Maria Graciete Besse.

Neste artigo a questão do patriarcado está explícita e gira em torno da obra das três Marias, pois se trata de uma das questões que fizeram com que as autoras Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa publicassem a obra que dá continuidade ao livro *Cartas portuguesas* (1669), atribuído à Mariana Alcoforado. O intuito de publicar as *Novas Cartas Portuguesas* (1975) era expressar a insatisfação com o tratamento e estranhamento que as mulheres recebiam socialmente e politicamente enquanto tentavam expressar suas falas particulares.

Dentro da obra, as três autoras trabalharam com depoimentos colhidos por diversas mulheres, assim como relatos encontrados por cartas, que eram a única forma de expressar seus sofrimentos e angústias através da escrita. A obra cita opiniões sobre as reais condições das mulheres na sociedade e o domínio do patriarcado em relação a vida delas. “O guerreiro tem seu repouso; por enquanto nada há onde a mulher possa firmar-se e compensar-se das suas lutas. Chegará o dia?” (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.182). Entre todos os questionamentos tratados nesse trabalho, um deles se dá por essa pergunta: chegará o dia? Será que um dia mulheres não vão estar aprisionadas em uma

(*) Natália Pereira Theodosio é mestranda em Teoria da Literatura (UERJ). Cíntia Kütter é doutora em Literaturas Portuguesa e Africana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora PNPd pela Universidade Federal do Pará (PNDP-UFGA).

cela assim como estava Mariana Alcoforado apenas contemplando a possibilidade de estar fora da cela, mas que não aconteceria?

Que resta de mim, enclausurada, sequiosa de espaço, de sol (bem sabes quanto amo o sol...), sequiosa de correr por esses campos áridos, secos, crestados, que da minha cela vejo, à noite, banhados pela luz ácida da lua, a inventar suas imaginárias imagens de frio, de dias rasgados pela chapa do calor e dos nervos” (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.183).

As mulheres tiveram pequenas mudanças através de atos como este, que foi a manifestação proposta pelas três escritoras no lançamento desse livro. Escritoras já conhecidas em Portugal, mas que se incomodaram com a opressão que lhes eram impostas para as escritas delas. Fato que seria diferente em relação aos escritores (homens) que teriam total liberdade de expressar sobre qualquer assunto. Tal manifestação não repercutiu somente em Portugal, é importante ressaltar que feministas de outras partes do mundo apoiaram as três Marias. As mudanças para as mulheres começaram a aparecer, positivamente, mas a luta ainda é grande, pois o patriarcado nada sofreu, continuam querendo exercer o papel que acham ser de direito deles sobre a vida da mulher e suas falas.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre o lento processo acerca da conquista de um espaço livre de objeções que vem de tantos anos e costumes de opressão feminina. A mulher é um ser pensante e precisa como qualquer outro ter suas opiniões e desejos expressados e colocados em pauta, sua capacidade não deve ser apagada e anulada pelo patriarcado. Todas as pessoas precisam conhecer seus limites e desejos físicos e sentimentais. Temos três autoras que com suas particularidades juntaram forças, para impor contra questões sociais e políticas a favor das mulheres. Infelizmente ainda nos deparamos com a falta de apoio de mulheres para com outras mulheres, sororidade, e essa luta precisa ser unanime para gerir bons resultados.

Na obra *Cartas portuguesas* (1669) vemos esta questão da falta de comprometimento de uma mãe para com sua filha, enquanto a vontade do pai (patriarcado) permanece. Tempos de guerra e costumes que somente o homem teria a voz de decisão levou uma jovem ao exílio e solidão: “a esperança no início, seguida de incerteza e, por fim, a convicção do abandono” (GUILLERAGUES, 1669, p. 5). As especulações levantadas por alguns críticos sobre a autenticidade de ser atribuída a autoria da obra à Mariana Alcoforado levam a interpretar mais uma tentativa de anulação da mulher. Rousseau é citado na obra *Cartas Portuguesas* (1669) com sua especulação ao

dizer que as cartas eram muito belas para serem escritas por uma mulher, deixando claro aqui a intenção de sempre incapacitar a mulher e sua fala ou possibilidade de fala.

Chegará o dia?

Esta pergunta do título ecoa durante a leitura das duas obras, pois em *Cartas Portuguesas* (1669) relata a triste história de uma jovem que foi colocada em uma cela de convento pela vontade do pai e que se depara primeiro com a solidão, depois conhece um homem com quem se envolve e se depara com o abandono e por fim ao sofrimento de ser "deixada" duas vezes e conseqüentemente sente o martírio e culpa por simplesmente estar só. Em *Novas Cartas Portuguesas* (1975), temos a retomada dessa questão de a mulher ser conduzida sem a sua própria vontade, pois as autoras do livro se colocam em uma posição insatisfatória diante da sociedade portuguesa que não respeita a liberdade de expressão da mulher e da mulher escritora. Elas retomam para a atualidade, no caso da época, mostrando que ainda existem mulheres que são objetos nas mãos de maridos e fantoches nas mãos dos pais.

Estupro doméstico: como é possível uma mulher se casar e ainda assim se sentir só? Infelizmente temos relatos de mulheres que passam por questões de solidão emocional e física em situações como essa. Na composição da obra temos um relato que pertence às *Novas cartas Portuguesas* (1974) em que a mulher sofre estupro do próprio marido. Palavras difíceis de se ler por que expressam seu sofrimento de maneira profunda. O que traz o estranhamento é que no fim do relato de um dia de relação sexual forçada pelo marido que a machuca profundamente, ela se vê na possibilidade de libertar-se dele. Ela simplesmente o matou asfixiado. A interpretação clara desse relato que aconteceu no dia 29 de maio de 1971 nos deixa refletir sobre uma mulher que não tem outra saída dentro de uma sociedade extremamente machista a não ser matar este homem que a tratava como um objeto sexual, sem capacidade de sentir dor física e sentimental.

Mónica esperou que ele adormecesse. Escutou-lhe o respirar, atenta, depois, lentamente, cuidando cada movimento, agarrou uma almofada, tapou-lhe a cara e com toda sua força desesperada apoiou-se nela defendendo-se dos convulsivos braços do homem (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.248).

Spivak afirma que a consciência de classe permanece atrelada a um sentimento de comunidade ligado por conexões nacionais e por organizações políticas, e não aquele

outro sentimento de comunidade cujo modelo estrutural é a família (SPIVAK, 2010, p. 38). A autora escreveu sua obra em 2010, uma questão que podemos levar à vida de Mariana Alcoforado e também a retomada dessa anulação social da mulher feita pelas três autoras, anulação esta imposta por uma sociedade manipulada pela política.

O título da obra das três Marias remete ao objetivo de retomada sobre as imposições contra a vida da mulher na época de Alcoforado e com as mulheres do século XX, assim como também o jogo de criação com várias gerações de Marianas para mostrar que há uma representatividade de todas as mulheres, sejam elas do passado ou presente e de outros lugares do mundo que sofreram e sofrem a mesma desigualdade e agressão. “Nesse círculo infernal, o destino das mulheres repete-se de geração em geração” (Besse, 2006, p.16).

A *Lei do Pai* (Spivak, 2010) perdura até hoje, muitas mulheres sujeitadas a depender de um homem e não vendo saída para a libertação e capacidade de se apoiar no seu próprio eu. O dia em que o patriarcado perder sua força será o dia em que a mulher irá respirar e voar sem medo. Até lá será necessário que muitos olhos se abram e mãos sejam dadas.

Mulheres juntas: a luta pela voz

A união das três escritoras foi após represarias sofridas por Maria Tereza Horta juntamente com seu marido. Foram agredidos por causa da sua escrita erótica e expressiva em relação ao corpo e desejo, uma marca da escritora. Ao invés de deixar calar-se, a mesma e outras escritoras não ficaram receosas ao escrever novamente, as três Marias se uniram para escrever a obra em questão, essa união repercutiu através de uma acusação e foram a julgamento. Durante este processo houve o despertar da vontade de lutar de outras mulheres feministas de outros países e assim se deu o alcance dessa maravilhosa expressão da escrita em prol da mulher e sua possibilidade de voz.



Figura 1 – As três Marias e o julgamento. FONTE: <http://www.novascartasnovas.com/historia.html>

A obra das *Três Marias* foi organizada cuidadosamente com elementos que são considerados profundamente de escrita feminina, como afirma a pesquisadora Maria Graciete Besse, ao citar em sua pesquisa Laurent Versini. Fala sobre uma escrita voltada para o feminino. A referida escrita incomodou a sociedade portuguesa, pois juntou o erotismo de Maria Tereza, o posicionamento político de Maria Velho e o feminismo de Maria Isabel. Um conjunto de mulheres fortes que deram o ponto de partida para ir contra o sistema patriarcal de Portugal.

O jogo de espelhos (Besse, 2006, p. 18) que foi utilizado na organização da obra serve para fazermos uma transição dentro do livro entre todas as mulheres: Mariana Alcoforado, as três Marias e as mulheres anônimas. Elas participaram da obra e mesmo de forma anônima a coletânea desperta a reflexão sobre esse poder que assolava e ainda assola a vida de mulheres e hoje usa-se entre esses homens discursos para disfarçar a intenção de dominação masculina e tratamento relacionado a mulher como uma propriedade.

O erotismo presente em *Novas Cartas Portuguesas*

O erotismo foi utilizado desde as primeiras cartas escolhidas para a composição dessa obra. No livro *Cartas Portuguesas* (1669) Mariana Alcoforado usa toda sua profundidade para expressar seu sofrimento, belas palavras para dizer tudo que eras ruim para si. "Sei que te perdi e me afundo, me perco também dentro da minha total ausência de poder em que me queiras" (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.11). Críticos admitiram que são belas as palavras que compõem a obra *Cartas portuguesas* (1669), porém duvidando da autenticidade de Mariana, até mesmo capaz de dizer que não

poderiam ser escritas por uma mulher. Retornando para a obra das três Marias, cartas atribuídas ao romance de Mariana com Bouton e que já são compostas por este erotismo que é uma das características de Maria Teresa Horta.

Pelo corpo deixo que a paixão me tome: o corpo ele próprio já essa paixão ou objeto dela, sua raiz, sua motivação, seu ócio. --- Como não recordar tuas ancas estreitas e jamais te dizer paixão por elas? Assim, amo partes de ti, a ti por essa causa e de mim no contentamento de as ter, me comprazer com elas (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.30).

A escrita erótica por parte de uma mulher é reprodução de um autoconhecimento que a sociedade e a política de Portugal não quiseram aceitar e que hoje tem suas objeções mais disfarçadas, diante desse pensamento cito:

Não se trata de uma descrição de ‘como as coisas realmente eram’ ou de privilegiar a narrativa da história como Imperialismo como a melhor versão da história. Trata-se, ao contrário, de oferecer um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas (Spivak, 2010, p.48).

O erotismo foi um dos motivos da acusação que levou as autoras a julgamento, pois estavam causando ofensas a moral pública e pornografia. Diante de tal conhecimento sobre esse processo que as três Marias passaram podemos refletir que se fossem três homens não teria toda essa repercussão contra a escrita, mas eram mulheres e mulher não deveria fazer esses tipos de escrita, ou melhor, nem deveriam escrever. Todo o movimento causado por elas apenas confirmou a certeza de que o objetivo era anulação da voz feminina.

Resistência feminina política através da escrita

O livro escrito pelas três autoras portuguesas serviu como um instrumento para um movimento político. A ditadura presente na época e o julgamento contra a escrita dessas mulheres acontecendo, as ruas estavam cheias de vozes, apoio dado a elas até o dia em que foram inocentadas. A manifestação começou pela escrita, apenas palavras, porém despertou vozes, foram à luta para dar continuidade a esse projeto que as autoras desenvolveram, nessas manifestações que surgiu o apelido para elas, “Três Marias”. Através da escrita foi feita uma ligação com todas as outras mulheres, como uma convocação para marcar presença e assim conquistar seu espaço e lugar de fala.



Figura 1 – As três Marias: manifestação. FONTE: <http://www.novascartasnovas.com/historia.html>

A escrita ligada a condição das mulheres une de forma imaginária uma linha de lógica contra essa política machista que atinge a mulher e exclui de lugares altos para que não se sintam iguais. Porém, não pode existir limites para a luta. Tudo precisa estar interligado e assim dar continuidade ao ponto de partida.

A mulher vota, é universitária, emprega-se; a mulher bebe, a mulher fuma, a mulher concorre a concursos de beleza, a mulher usa mini-maxi-saia, “hot-pants”, “tampax”, diz “estou menstruada” à frente de homens, a mulher toma a pílula (...) vai para a cama com o namorado (...) E o homem exulta, irmãs, e ajuda a mulher nesta farsa, neste engodo de, nesta falsa e vergonhosa “libertação onde cada vez mais presa (e agora de si própria), a mulher é apanhada nas malhas de uma sociedade que a usa, a domina, a escraviza, a conduz, a utiliza, a manuseia, a consome (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.235).

Este trecho remete-nos a posição da autora Maria Velho da Costa, que se tornou uma mulher de conquistas, em espaços que tradicionalmente seriam para os homens, mas ela quebrou esses paradigmas. Grande exemplo para comparar com este trecho anterior que diz alguns pontos que as mulheres conseguem ser ou ter e que não sejam alvo de nenhuma imposição por conta disso. As mulheres precisam conquistar espaços e direitos além dos desejos corporais sem objeções de sua fala. Direito de dizer além do que o amor que às consomem e que é dado o uso de forma limitada.

Essa mulher de quem falamos passa por todas as situações dolorosas e solitárias perante a vida que levam. “A vida de uma mulher é toda como um parto; acto solitário e doloroso, escondido, arredado dos olhos de todos em nome do pudor” (COSTA; HORTA;

BARRENO, 1975, p.179). Interessante refletir tudo que uma mulher consegue passar e retomar a qualquer momento estas situações de solidão e dor, mas é necessário o conhecimento de sua capacidade. Também são necessários a proibição de sua anulação e o apagamento de sua identidade sem medo de se reconhecer suficiente para se sentir realizada.

Antepassada Maria Ana, a filósofa, em que ficamos: se a mulher nada tem, se existe só através do homem, se mesmo seu prazer por aí é pouco e viciado, o que arrisca ou o que perde em revoltar-se? (COSTA; HORTA; BARRENO, 1975, p.235).

Este questionamento faz uma indireta a quem não tem coragem de tentar sair de todo o martírio que a posição de ser mulher lhe é imposta. Se dizem que não tens nada o que podes perder se enfrentar tudo isso? Um questionamento valido para mulheres aprisionadas em seus medos. Isso é comum em situações atuais em que mulheres se veem dependentes de homens emocionalmente e financeiramente. Levando para o lado cultural, isso pode ser passado de geração em geração e assim a mulher aprende a depender de homens para tudo.

A trajetória da mulher desde a primeira conquista de posição social ainda se dá lentamente, mas não se pode contentar-se com pequenas conquistas e deve-se sempre almejar lugares mais altos, pois chegando lá a mulher poderá ver com seu olhar questões que para alguns homens não há sensibilidade o bastante para dar importância, pois eles almejam conquistas materiais e não olham o horizonte das pessoas. Horizonte esse que existem várias mulheres lutando para ter mais oportunidade de expor seus pensamentos políticos e sociais.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo trazer a reflexão de alguns pontos enfrentados por mulheres do século XX, resgatando histórias do passado no século XVII, fazendo uma ligação com a atualidade, que ainda encontramos dificuldades em definir o espaço feminino. É necessária uma junção de vozes femininas com unanimidade na causa para ganhar o lugar de fala e permanecer com seus direitos já conquistados e conquistar outros. Esse lugar de fala precisa ter a mesma sonoridade que encontramos na composição da obra das Três Marias, que coincidem com passado e presente e do lado de fora e dentro de Portugal. A influência vinda da voz feminina precisa ser contínua, como foi com

Mariana Alcoforado e recentemente aconteceu com as três escritoras, influenciando leitores e escritores a enxergar a causa feminina. Causa que vejo como justa, pois não se fala em tomar o lugar de fala do homem e sim nivelar para que ambos falem numa mesma sonoridade e que ninguém seja anulado ou excluído. A identidade precisa ser mantida e assumida, todos precisam desse lugar de fala. A identidade deve ser extraída do interior e não imposta pelo exterior através de paradigmas da sociedade e da política.

Hoje existem mulheres que conseguem mostrar sua posição em relação aos direitos, porém ainda têm mulheres que escondem sua face internalizando sua identidade e não expressam suas sensações. Sendo assim resgato a fala de Inês Pedrosa que ao ler a obra das três Marias conclui que com o corpo que se começa a escrever e assim sente as sensações eróticas e o desejo. Assim, espero que estas conclusões de leitura cheguem a vida de mais mulheres para aumentar a possibilidade de um elo feminino e banir agressões e anulações de suas vidas, pois cada uma tem sua força interior e capacidade de lutar por um mundo de mais leituras igualitárias, sem objeções ao que se vai escrever.

Referências e fontes primárias

- ALCOFORADO, Mariana. **Cartas de amor de uma freira portuguesa**. França, 1669.
- BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velho da; HORTA, Maria Tereza. **Novas cartas portuguesas**. São Paulo, 1975.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- As “**Novas Cartas Portuguesas**” e a **Contestação do Poder Patriarcal**. Latitudes, Óbidos, nº 26, 2006.
- Ler Mais Ler Melhor Vida e Obra de Maria Isabel Barreno**
<www.youtube.com/watch?v=ANnwbKYnkxE>. Acesso em 23 jun. 2018.
- Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois**. Disponível em:
<<http://www.novascartasnovas.com/historia.html>>. Acesso em 23 jun. 2018.
- RTP ENSINA. **Maria Teresa Horta e as aventuras das Novas Cartas Portuguesas**. Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/maria-teresa-horta-e-a-aventura-das-novas-cartas-portuguesas>>. Acesso em 23 jun. 2018.
- _____. **Novas Cartas Portuguesas uma leitura obrigatória**
<<http://ensina.rtp.pt/artigo/novas-cartas-portuguesas-uma-leitura-obrigatoria/>>

Resumo: Este trabalho apresenta as marcas na vida de mulheres do século XX, em Portugal, identificando-as como formas de aprisionamento de corpo e mente. O livro *Novas cartas portuguesas* (1975) relata os ressentimentos e as situações de isolamento contra o corpo feminino, corpo esse que se sujeita a anulação a partir de um patriarcado imposto pela sociedade ou a submissão religiosa imposta pelos costumes familiares. Para dialogar com tais ideias destacamos a obra da autora Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode o subalterno falar?* (2010), que norteará nossa discussão acerca do posicionamento das personagens femininas presentes na obra. Observa-se também a falta de cuidados de uma mulher para com a outra, até mesmo dentro de um mesmo âmbito familiar. Por fim, foi feita uma reflexão sobre as mulheres que se encontravam em situação de fraqueza e sem poder de autoridade sobre suas vidas, apenas sendo vistas como um corpo sem mente e alma. Mulheres que têm como lar uma prisão física, emocional e até mesmo os dois confinamentos ao mesmo tempo.

Palavras-chave: Mulher; Anulação; Patriarcado; Prisão.

Abstract: This work presents as marks in the lives of women of the twentieth century, in Portugal, identifying as forms of imprisonment of the body and mind. The book *Novas Cartas Portuguesas* (1975) lists resentments and situations of isolation against the female body, a body that is subject to annulment from a patriarchy imposed by society or religious submission imposed by family customs. In order to dialogue with these ideas highlighted in the work of Gayatri Chakravorty Spivak, *Can or should I speak?* (2010), which will guide our discussion on the positioning of female characters present in the work. Also note the lack of care from one woman to another, even within the same family. Finally, a reflection was made on women who were in a situation of weakness and without power of authority over their lives, only being seen as a body without mind and soul. Women who have a physical, emotional prison and even two confinements at the same time.

Keywords: Woman; Annulment; Patriarchy; Prison.

Recebido em: 5/5/2020.

Aceito em: 3/6/2020.